

# CONSTRUÇÃO HOLLYWOODIANA DE UM MUNDO ANTIÁRABE:

o desconcerto de “*Nova York Sitiada*” sob  
um xadrez teórico

---

HOLLYWOODIAN CONSTRUCTION OF AN ANTI-ARAB WORLD:  
the confusion of “*The Siege*” under a theoretical chess

Ashraf Abdul Jabbar Bajaa Bajaa<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo explicar de forma sistemática o posicionamento da superpotência mundial, Estados Unidos da América, na criação de um mundo árabe perverso e irracional através da sua mais famosa ferramenta de ajustes: Hollywood. Não obstante, o filme *Nova York Sitiada* será o norteador desta análise que estuda o pragmatismo norte-americano através das suas teorias excepcionalistas. Neste contexto, o Orientalismo de Edward Said e a *Linguagem do Império* de Domenico Losurdo operam em uma estrutura teórica para desconcertar a visão norte-americana sobre o mundo oriental, sobretudo islâmico.

PALAVRAS-CHAVE: Hollywood. Orientalismo. Linguagem do Império. Nova York Sitiada. Mundo árabe.

## ABSTRACT

This article aims to explain systematically the positioning of the worldwide superpower United States of America in creating a perverse and irrational Arabic World through its most famous setting tools: Hollywood. Nevertheless, the movie *The Siege* will be the guiding of this analysis which studies the North American pragmatism through its exceptionalist theories. In this context, Orientalism of Edward Said and *The Language of Empire* of Domenico Losurdo operate in a theoretical.

KEYWORDS: Hollywood. Orientalism. The Language of Empire. The Siege. Arabic World.

<sup>1</sup>Graduando em Relações Internacionais pela ESPM-Sul.  
Email: ashraf.bajaa@hotmail.com

O cinema norte-americano é onipresente nas telas compreendidas pelo globo, desde grandes metrópoles a lugares inimagináveis. Seus medos, suas angústias, suas estratégias de poder, seus “inimigos” podem ser facilmente analisados através de interpretações convincentes e emocionantes, onde verdades absolutas muitas vezes são criadas, adaptadas e disseminadas. A Indústria Hollywoodiana é se não o maior, o mais eficaz expoente de proliferação da cultura estadunidense ou das concepções de mundo que esta nação tem em relação às demais. O poder de convencimento dos Estados Unidos é intimamente ligado a sua credibilidade histórica com o mundo e a capacidade de manter ativa as ferramentas do poder, o *hard power* e o *soft power*, simultaneamente, isto é, interagindo de maneira eficiente o seu *smart power* (NYE, 2010).

Ao encontro destas concepções, o *hard power* norte-americano foi o grande precursor nas vitórias políticas, morais e impositórias que este Império conquistou até os dias compreendidos de hoje, através de medidas coercitivas, estratégias políticas assertivas como um todo, apoio e presença em guerras – que outrora era compreensível como tática de defesa, sobrevivência e poder – em uma visão genuinamente realista (MORGENTHAU, 2005). Não obstante, o foco central deste artigo se enquadra na manutenção do *soft power* americano, que é diretamente ligado ao poder de persuadir, delinear interesses entre parceiros no Sistema, execução da agenda internacional e de consolidar credibilidade, consequentemente, conquistando novos aliados e mantendo os tradicionais, seja entre nações pela representatividade de valores políticos tanto no âmbito interno quanto externo ou por ideologias de uma cultura específica e semelhante (NYE, 2010).

Neste último aspecto, Hollywood é umas das ferramentas de massa mais poderosa do *soft power* estadunidense, que vende e incorpora estilos e tendências, principalmente, ideológicas sobre o outro no exterior. Este instrumento é um importante

ditador e propagador de informações, dogmas e representações pautadas nas principais agendas internacionais de grandes nações ocidentais, sobretudo, dos Estados Unidos. A partir de uma análise filmográfica, verifica-se que estas fontes que fomentam as principais obras desta Indústria estadunidense, em grande parte, retratam determinados assuntos recorrentes na época de gravação sob uma ótica unilateral. Ainda neste panorama, é claro e evidente os principais alvos dos Estados Unidos em determinadas fases da história – na Guerra Fria, por exemplo, este diagnóstico é mais contundente. No entanto, os focos centrais destas pautas internacionais, representadas nos filmes, alternam, se estabilizam e voltam a serem temas corriqueiros. É nestas mudanças que o artigo irá se direcionar integrando ao combate que os Estados Unidos da América necessitam expressar através de Hollywood: uma luta travada com o mundo árabe e seus ideais de “práticas ao terror”, apresentando-se como seu atual adversário pós-URSS no seu jogo político (KELLNER, 2001).

Partindo desta breve análise da Indústria hollywoodiana, a centralização do trabalho presente trará as principais noções do inimigo ocidental, das suas crenças e do envolvimento religioso nas suas ações. Como plano de fundo desta temática, o filme *Nova York Sitiada*<sup>2</sup> traz um importante panorama no que diz respeito a este grupo étnico e relações dos Estados Unidos e árabes em um contexto geral, com um viés político e social. “*The Siege*”, que traduzido para o português brasileiro foi intitulado como *Nova York Sitiada*, assinala mais uma produção neste cenário multiplicador de informações. A obra é uma análise completa dos fatos que antecederam o ano de 1998 e, de certa maneira, desdobra posicionamentos políticos norte-americanos acerca de conflitos no Oriente Médio até as suas estratégias de resolução sobre estes mesmos problemas durante anos posteriores, fatos que comprovam o pragmatismo hollywoodiano nas suas obras, justamente por ser claro e objetivo o seu posicionamento.

<sup>2</sup>A obra foi produzida por Edward Zwick em 1998 com o roteiro de Lawrence Wright, Menno Meyjes e com parceria do próprio produtor Edward Zwick. A obra é protagonizada por um elenco renomado como, Denzel Washington, Annette Bening, Tony Shalhoub e Bruce Willis.

No entanto, o filme se direciona ao terrorismo como base central do enredo, a obra inicia com cenas de ataques na Arábia Saudita e com o discurso de Bill Clinton contra o terrorismo. A história começa a tomar proporções maiores a partir de um suposto atentado em um ônibus na cidade de Nova York, que foi considerado um aviso para os agentes do FBI, entidade representada pelo Agente Hubbard (Denzel Washington). O incidente com o ônibus de fato não se concretizou como atentado, entretanto, no dia seguinte, um novo contato com supostos terroristas assinala a explosão de dinamites no interior do ônibus, matando civis americanos e efetivando definitivamente a aplicação da Lei Marcial no desenrolar da história.

Assim sendo, o posicionamento hollywoodiano volta a ser peça chave para o entendimento do filme e das ações dos Estados Unidos na sua política externa. Para um maior entendimento, este artigo fará uma apresentação detalhada de algumas cenas pertinentes do filme, que darão uma completude no tema discutido a partir da explanação de teorias excepcionalistas norte-americanas. Partindo por estas premissas, um xadrez teórico será instaurado com “teorias exclusivistas” conectadas a Indústria hollywoodiana confrontando com o *Orientalismo* de Edward Said e a *Linguagem do Império* de Domenico Losurdo.

Estes autores e suas respectivas obras concordam com o tema discutido e comprovam, de forma empírica, que a ficção retratada em muitos filmes estadunidenses acerca do mundo árabe, em especial *Nova York Sitiada*, está muito próxima a realidade. Said, nascido em Jerusalém e com formação literária nos Estados Unidos, destacou-se pela criticidade das suas obras em defesa da questão palestina. Já o autor italiano Domenico Losurdo segue em uma linha muito semelhante à de Edward Said acerca do posicionamento do Ocidente perante o Oriente. O autor italiano é conhecido também por construir as suas obras a partir de um posicionamento marxista apontando, quando possível, o caos provocado pelos Estados Unidos no mundo.

De modo que estes autores e as suas obras se complementam, o cruzamento teórico a partir de

alguns apontamentos dos seus livros será feito com três cenas centrais do filme, colocando assim de forma clara como Hollywood apresenta o mundo árabe, bem como as estratégias e interesses políticos dos Estados Unidos. Nestes recortes será possível entender o que Said e Losurdo compreendem sobre os condicionamentos estruturais norte-americanos. E por fim, uma análise do futuro do Império estadunidense hollywoodiano no cenário internacional será instaurada.

#### INDÚSTRIA HOLLYWOODIANA: *SOFT POWER* COMO IMPLICADOR DE PAUTAS NA AGENDA INTERNACIONAL NORTE-AMERICANA

A combinação dos instrumentos de poder é fundamental para a construção positiva dos países no Sistema Internacional. Os Estados Unidos são o exemplo mais pertinente de sucesso para aquilo que eles exercem como superpotência e de como eles são representados para os seus aliados e até mesmo para os seus rivais. Consoante aos fatos, o artigo se detém na explanação do *soft power* norte-americano como um exemplo bem sucedido da proliferação dos seus ideias e do seu poder de convencimento; sendo este, que vem sendo desacreditado com o surgimento de nações com um considerável poder no meio. No entanto, a nação ainda tida como a mais democrática, e que lança continuamente valores e crenças, é exímia de todos os créditos por muitos e dificilmente será alcançada em questão de representatividade no cenário internacional (NYE, 2010).

Partindo desta análise prévia, esta habilidade dos Estados Unidos de influenciar, e até mesmo manipular ideologias ou fazer desta a melhor, é vista com frequência nas pautas internacionais desta nação e de seus aliados, sobretudo, europeus (NYE, 2010). A indústria cinematográfica, sem muitos esforços políticos, exerce de maneira multiplicadora estas visões, através da ficção, discursos, imagens e ações que influenciam como um todo o aspecto vivenciado nas sociedades, seja pelo consumo de valores ou ideais (KELLNER, 2001).

No caso específico dos Estados Unidos em relação ao mundo árabe estas verdades são criadas constantemente, onde são constituídas posições de valores avessos de uma cultura específica propriamente dita. Sendo assim, a partir de uma análise filmográfica, por uma totalidade, árabes muçulmanos, principalmente, são vistos como inimigos a serem batidos e vencidos pela pátria guardiã da ética e moral no Ocidente. A Guerra do Golfo é um exemplo pertinente, a indústria hollywoodiana utilizou muito de seus recursos para criar um ambiente desarmonioso em uma visão estadunidense com o filme *Águia de Aço I e II*, anos de 1985 e 1988, respectivamente. Vale ressaltar que esta obra, ironicamente, previu a Guerra do Golfo que iria acontecer em 1991 e tinha o Estado de Israel como o principal apoiador. Este filme marca a passagem da União Soviética como alvo e traz o mundo árabe como novo inimigo, sobretudo na imagem de Saddam Hussein e do Iraque. Não obstante, cabe ressaltar que os inimigos norte-americanos trocam de posições conforme o momento do cenário internacional e da sua política externa (KELLNER, 2001).da sua política externa (KELLNER, 2001).

Analisando a estratégia do filme “Águia de Aço” e de como ela estava de acordo com agenda internacional norte-americana da época, é irrefutável não dizer o grande papel exercido por Hollywood. Primeiramente, marca-se a ideia de um mundo antiárabe, que consequentemente, influencia nos aspectos religiosos, assim “condenando” muçulmanos em diversos lugares do mundo a sofrerem tratamentos diferenciados. Outro aspecto importante, de como o *soft power* norte-americano, bem como Hollywood, estão ligados à política externa é a presença do Governo de Israel prestando apoio para a execução do filme – o Estado judaico é aliado estratégico dos Estados Unidos no Oriente Médio (KELLNER, 2001).

Este foi apenas um dos exemplos desta coletânea de filmes desta Indústria cinematográfica que é vasta e objetiva, onde sempre haverá um inimigo. Assim como foi nas edições de *Rambo I, II, III* em 1985; *A Cortina de Ferro* em 1948; *Traidor* em 1949 e *A Ameaça Vermelha* também no mesmo ano fo-

ram apenas algumas obras que retratam o duelo ideológico Estados Unidos x URSS (Capitalismo x Comunismo), por exemplo, que “teve fim” com o esfacelamento desta União. Desde então, podemos perceber a crescente do mundo árabe neste cenário, onde é criada a imagem totalitária de árabes como subumanos e vilões (KELLNER, 2001).

Podemos considerar o auge de inúmeras obras com este caráter, durante os Governos de Reagan e Bush “Pai” até o nosso atual momento político internacional. É importante mencionar, que durante esta linha do tempo, passamos pelo Governo Bush “filho”, onde presenciamos os ataques de 11 de setembro de 2001, fato que fez a indústria hollywoodiana investir incansavelmente no termo “terrorismo” e na produção de obras com altos valores financeiros atuando desta maneira como um dos principais atores nestes conflitos. Ainda nesta linha cronológica, identifica-se que o filme base do artigo presente, *Nova York Sitiada*, que assim como a obra de *Águia de Aço* previu a Guerra do Golfo, profetizou os ataques no *World Trade Center* em 2001.

## O PRAGMATISMO HOLLYWOODIANO ENTRELINHAS

A meticulosidade desta indústria é o que faz dela possuir uma estrutura fortificada no cenário cinematográfico e, inclusive, na formulação de paradigmas, de modo que a crença estadunidense fique entrelinhas a partir de um posicionamento assertivo em torno de certas questões que estão entrelaçadas ao direcionamento do país mentor destas produções ditas culturais (KELLNER, 2001). No filme *Nova York Sitiada*, o pragmatismo dos Estados Unidos se torna evidente ao mesclar fatos da vida real das pessoas e suas emoções com ações do país acerca dos conflitos internacionais que a qual se fez presente.

Por conseguinte, os objetivos a serem atingidos na obra passam a ser percebidos em atuações dispersas dos principais astros desta indústria, algo que torna a história verossímil. Assim sendo, dando continuidade ao enredo do filme base, o desenrolar da

história apresenta as proporções dos novos ataques que passam a ocorrer com dimensões maiores na forma como foram arquitetados e com o número de vítimas fatais. A partir de então, inicia-se uma caça aos árabes de Nova York, mais precisamente na região do Brooklyn, em busca de células terroristas na cidade. Ações que trouxeram a obra cenas emblemáticas por mostrar cidadãos americanos de origem árabe sendo capturados inocentemente.

Para tanto, a procura dos culpados pelos atentados somente ocorre de forma generalizada, levando em conta apenas estereótipos, quando é aplicada a Lei Marcial, onde o Exército (representado pela figura de Bruce Willis) passa a atuar com práticas de guerra para atingir o resultado, já que as autoridades civis não conseguiram controlar a situação. A aplicação desta Lei traz outras abordagens relativamente importantes em outros contextos, como o conflito entre o Exército, FBI e CIA, que na obra estas duas últimas passam a atuar juntas para resolver o caso; e um desgosto por parte da população pelo uso do Exército como forma de solução do conflito. Além disso, dentro deste cenário que envolve uma criação de terror em Nova York diretamente associado ao mundo islâmico, outras abordagens são apontadas de maneira secundária, porém, de grande utilidade a partir daquilo que é vendido pelo Ocidente, como, por exemplo o papel da mulher no mundo muçulmano.

Sem embargo, o pragmatismo da indústria cinematográfica norte-americana, por desempenhar de maneira incansável através das grandiosas e premiadas obras quem é o vilão do cenário internacional, vem aos poucos sendo desmitificada. Embora ainda seja uma incontestável ferramenta de persuasão, o acesso à informação e o mundo globalizado faz com o que a população mundial, paulatinamente, possa entender com outros olhos muitas “verdades”. Esta retórica fica implícita na produção de “*Reel Bad Arabs*” do ex-consultor da *CBS News* sobre assuntos do Oriente Médio, Jack Shaheen. O documentário exemplifica em um contexto geral, como Hollywood vilaniza os árabes e muçulmanos nos filmes da indústria ao ponto de colocá-los em outra categoria de civilização.

Todavia, neste ambiente podemos sinalizar que a credibilidade dos Estados Unidos esteja colocada a prova juntamente com o seu *soft power*. Não há dúvidas do papel norte-americano no Sistema Internacional, porém neste cenário outros atores passam a emergir e colocar “em pratos limpos” a lógica do jogo (NYE, 2010). Pode-se assim concluir a tamanha importância de Hollywood para o “Império” norte-americano como tática de defesa. Portanto, em uma análise filmográfica e até mesmo política dos Estados Unidos da América é possível entender que muitos conceitos foram criados e, que consequentemente, afetaram o que poderíamos ter de “harmonia” entre os países. Tomando como exemplos, a forte conceituação do que é o terrorismo e ser terrorista e a caracterização daqueles que pertencem ao “eixo do mal” compactuam para a construção de um viés conjuntural antiamericano, onde Hollywood é uma das principais armas de combate (KELLNER, 2001; TODD, 2003).

## TEORIAS EXCEPCIONALISTAS E HOLLYWOOD

Para entender o que hoje é Hollywood e o papel norte-americano no Sistema Internacional é interessante fazer uma análise histórica deste país. Os Estados Unidos após a sua independência passaram a ser um modelo de nação literalmente unida e que se fez presente nas resoluções e atuações dos principais conflitos na esfera global. Fato comprova a “excelência” estadunidense são as suas teorias excepcionalistas, que determinam a forma e a legitimidade desta nação perante as demais, dando-lhe um *status* hegemônico no meio das relações internacionais (FONSECA, 2007). De modo que estas teorias exerceram um importante papel na política externa na época em que foram proliferadas, resquícios destas ainda permanecem na ideologia da principal ex-colônia inglesa. No presente estudo é de grande valia ressaltar o Destino Manifesto e a Doutrina Truman relacionados ao cinema estadunidense. Nas produções cinematográficas as premissas bási-

cas de ambas as ideologias ficam claras partindo, principalmente, pelo posicionamento dos Estados Unidos no período em que estas políticas se incorporaram nas estratégias do país.

O Destino Manifesto teve sua primeira menção em um artigo publicado no ano de 1839 por John L. O’Sullivan, renomado jornalista norte-americano que tinha boas relações com os políticos daquele período. Nesta época, os Estados Unidos já havia se tornado independente da Inglaterra, porém ainda estava em um processo de construção do país por completo, assim sendo, aos poucos as estratégias para expandir e formular a região oeste, bem como o sul do país, passaram a ser pautas cruciais na agenda estadunidense. Tais articulações obtiveram sucesso justamente pelo sentimento de pertencimento à nação e por possuir uma política de vanguarda, onde a primazia era os principais aspectos que constituem ao que se tem de democracia no mundo. Por se considerar necessária a expansão norte-americana, o Destino Manifesto servia como uma explicação ética e moral deste país para integrar as outras regiões, utilizando o artifício religioso no meio deste processo e tendo os Estados Unidos da América como a nação “escolhida e assegurada por Deus” (SCHILLING, 1991).

O’Sullivan ainda divide esta sua análise ideológica em três fases que integraram o Destino Manifesto. No que dizia respeito à primeira fase, os Estados Unidos tinham permissão sagrada pelas práticas expansionistas nacionais. No segundo e no terceiro momento, os ideais democratas norte-americanos deveriam ser transmitidos para o resto da nação e a aquisição de terras era tida como substancial vide o crescimento da população (caso do estado de Louisiana que foi comprada dos franceses que ali habitavam). Não obstante, a ideologia apresentada para perpetuar o território estadunidense sob uma lógica religiosa foi aplicada, inclusive, no âmbito externo onde alguns importantes estudiosos criar-

am obras de cunho global. Como, por exemplo, a publicação *The influence of Sea Power upon History* escrita Alfred T. Mahan<sup>3</sup> e que influenciou o então secretário-assistente da Marinha Theodoro Roosevelt a intervir na independência cubana, onde ele destaca a importância dos Estados Unidos em dominar as zonas de influência do Golfo do México e das Antilhas sob a ótica dita pelo mesmo como de “a resolução inviolável da nossa política estrangeira” (DIVINE, 1992).

Além das estratégias geográficas utilizadas valendo-se do Destino Manifesto, os Estados Unidos da América, através dos seus autores, lançaram o modo americano de vida. *The Promise of American Life* (1909) publicada por Herbert Croly<sup>4</sup>, marca a justificativa da intervenção norte-americana nos países latinos. Nesta obra os Estados Unidos eram tidos como uma nação que deveria “pacificar” o continente latino-americano, bem como instaurar os ideais democráticos e um diferente estilo de vida nestes países, em outras palavras, a política estadunidense segundo Croly era de uma “missão civilizatória” no continente. Por trás da política intervencionista, é possível destacar um tom imperialista dos Estados Unidos que tinha por objetivo rivalizar com a Europa na questão colonial. Assim sendo, estes períodos em que estas obras mencionadas foram escritas e que antecederem a Primeira Guerra Mundial é visível a transformação estadunidense no cenário internacional, tendo este se consolidado como uma das maiores potências do mundo no campo político, econômico e social (SCHILLING, 1991).

Dando um salto deste período da história norte-americana para o cenário em que o mundo se via dividido entre ideais capitalistas e comunistas, a Doutrina Truman<sup>5</sup> foi outra marcante estratégia colocada em cena para sinalizar e defender os interesses dos Estados Unidos. A Doutrina foi lançada em um ambiente em que ideologias e modos de vida eram disseminados, sendo também indicada

<sup>3</sup> EdMahan foi oficial da Marinha dos Estados Unidos e é conhecido pelos os seus estudos geoestratégicos. Sua principal obra publicada foi *The Influence of Sea Power upon History*.

<sup>4</sup> Importante intelectual envolvido com o mundo jornalístico e político, que influenciou inclusive o Presidente dos Estados Unidos Franklin D. Roosevelt.

<sup>5</sup> A doutrina foi elaborada pelo presidente Harry Truman no ano de 1947.

por alguns estudiosos como o início da Guerra Fria. Assim sendo, o principal objetivo desta política era conter o avanço soviético financiando países capitalistas, principalmente aqueles que foram atingidos pela Segunda Guerra Mundial e viram a sua economia se tornar frágil. Havia um receio por parte dos Estados Unidos de que estas nações poderiam se direcionar a um caminho soviético, justamente pelas suas debilidades econômicas e políticas. Paulatinamente, Estados Unidos e União Soviética rivalizavam o palco internacional na busca de aliados que seguissem as suas crenças (VILLA, 1999).

Doutrina Truman, embora não tivesse sido aceita por uma maioria expressiva no Congresso, foi efetivada. O caráter de país dominante crescia cada vez mais na imagem dos Estados Unidos, já que esta medida daria ao país a responsabilidade de “defender” o mundo do “avanço vermelho”. Consoante ao contexto da época, fato que mais dava credibilidade a América, era que o país saiu da Segunda Guerra Mundial definitivamente como superpotência, utilizando diversas medidas para tornar grande parte dos países do globo como seus dependentes econômicos, exemplo do Plano Marshall, em que os Estados Unidos financiaram a reconstrução da Europa após a mais marcante Guerra do planeta. Seguindo os Estados Unidos, a União Soviética passa a exercer uma importante influência no contexto internacional, sobretudo, no Leste Europeu e países asiáticos. A rivalidade entre estes dois principais atores era nítida que muitas vezes migrava do espaço político para movimentos culturais, esportivos e de cunho científico, tomando como exemplo as Olimpíadas e a ida do homem a lua (VILLA, 1999).

Através destas análises teóricas e conceituais do ator Estados Unidos da América no campo internacional, é perceptível o posicionamento deste no “jogo”. Estes compostos doutrinários constroem a imagem intervencionista e expansionista estadunidense, fato que é comprovado continuamente nas principais movimentações do país em diversos cenários em que atua. No cinema esta análise é notória, pois a imagem do país sede de Hollywood é “deusificada”, isto é, ser sempre o lado bom de qualquer enredo.

No entanto, muitas vezes no cinema o Destino Manifesto e a Doutrina Truman andaram juntas mesmo que tenham sido disseminadas em fases diferentes. Fase em que isto se tornou muito claro foi na época da Guerra Fria, onde os Estados Unidos era a nação pacificadora e responsável por eliminar aquilo que ela determina como inimigo comum do Ocidente. Neste viés, embora a Doutrina Truman visasse combater o comunismo é possível associar que bases semelhantes a esta política foram mantidas na luta conta o mundo árabe.

Portanto, alguns outros exemplos hollywoodianos além de *Rambo I, II, III e Águia de Aço I e II*, mencionados anteriormente, entram nesta linha onde o “cinema faz a história”. As produções *Rocky VI* (1985), *Top Gun* (1986), *A Caçada ao Outubro Vermelho* (1990) e entre outras obras deste cunho anticomunista retrataram o duelo EUA x URSS, tendo como o último filme elencado marcando o fim da guerra ideológica. Após o fim do bloco socialista e o foco cinematográfico direcionado para o mundo árabe, as produções de Hollywood assumem um novo compromisso. Tendo em vista que o islamismo e o ser islâmico são os lados antagônicos das principais obras contemporâneas que o mundo conheceu, definições e criações de conceitos fortemente associados a um grupo étnico e religioso específico se fez muito presente neste ambiente como, por exemplo, o terrorismo.

## CIMENTAÇÃO DO CONCEITO “TERRORISMO”: HOLLYWOOD COMO CHAVE-MESTRE.

O filme-base deste presente trabalho, *Nova York Sitiada* (1998), traz este novo segmento do cinema hollywoodiano. O termo terrorismo, principalmente, após os ataques do 11 de setembro, passou a estar associado ao mundo árabe, bem como a religião muçulmana. É nesta análise generalizada que o filme estrelado por Denzel Washington aborda um novo paradigma mundial com viés islamofóbico. Não obstante, árabes na grande parte dos filmes pertencentes a esta indústria, es-

tiveram ora marginalizados nos enredos ora desmitificados sob uma ótica unilateral.

A etimologia da palavra terrorismo vem segundo o latim do sentido de terror, assustar ou causar medo. A primeira menção do termo terrorismo foi no Suplemento do Dicionário da Academia Francesa no ano de 1793, período em que a França vivenciava um regime de terror. A partir de então, grupos que levavam as bandeiras de seus ideais passaram a praticar as suas exigências no ambiente nacional e internacional, exemplos recentes no mundo ocidental são os grupos separatistas IRA e ETA, na Irlanda do Norte e Espanha, respectivamente. No entanto, o que se diz respeito às características do terrorismo pode-se elencar os atos violentos e imprevisíveis, onde é criado um estado de tensão que envolve o psicológico da população envolvida (SUTTI, 2003).

No ambiente jurídico, não existe uma jurisdição que determine de forma global o que é terrorismo, conseqüentemente, esta ausência nesta esfera leva cada país a caracterizar o que ele considera como um ato terrorista. No entanto, um consenso é instaurado pela Organização das Nações Unidas: “Atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, num grupo de pessoas ou em indivíduos para fins políticos são injustificáveis em qualquer circunstância, independentemente das considerações de ordem política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou de qualquer outra natureza que possam ser invocadas para justificá-los”.

Ao passo que o terrorismo seja visto como uma análise doutrinária, uma provável definição jurídica dos atos de terror enquadraria grandes potências neste ciclo. Para manter suas zonas de influências ou defender aliados em regiões estratégicas, muitas potências ocidentais, sobretudo, Estados Unidos e Inglaterra, já estiveram envolvidos naquilo que se pode chamar de práticas de terror. Em Nagasaki e Hiroshima até hoje é possível ver resquícios da Guerra travada com o Japão; no Oriente Médio, o apoio direto destes países a Israel aos constantes ataques em proporções desiguais matando civis palestinos na Faixa de Gaza; a entrada dos Estados

Unidos no Iraque em 2003 sem o aval do Conselho de Segurança da ONU e entre outros (LOSURDO, 2010). De modo que uma conceituação jurídica do terrorismo fosse formada barraria as principais jogadas no tabuleiro político internacional, principalmente dos Estados Unidos. É neste contexto que Hollywood mais uma vez se insere como uma ferramenta histórica neste ambiente.

De forma que a definição das práticas de terror com um viés baseado no direito não seria “inteligente” para as principais potências ocidentais lideradas pelos Estados Unidos, Hollywood de maneira sutil e ao mesmo tempo agressiva transforma aquilo que no meio político se tem como uma série de definições e contradições sobre terrorismo como uma verdade única e direcionada a um grupo específico, principalmente após 11 de setembro. Seguindo nesta linha dos grupos terroristas, em uma análise do cinema dos Estados Unidos, não é possível encontrar em um número expressivo produções contra os grupos IRA e ETA, por exemplo, ou até mesmo das atrocidades cometidas pela Igreja Católica em várias fases da sua história. O fato de eles serem ocidentais pode ser uma das justificativas.

Assim sendo, no caso específico de *Nova York Sitiada* de certa maneira inicia um processo demarcado do “novo terrorismo” onde o mundo islâmico é o principal culpado. Esta nova categoria terrorista direciona a um novo paradigma que pode vir a se voltar contra os Estados Unidos (TODD, 2003). No caso do filme, a busca por células terroristas, bem como a generalização na caça aos culpados pelos atentados, aponta o que muito pode se visualizar hoje: uma denominação global onde terrorismo e islamismo estão entrelaçados. E assim por diante, as produções incorporam uma verdade convincente não somente sobre a temática da guerra ao terror, mas inclusive sobre a construção de características perversas dos árabes, que no caso do filme base cada cena exibida é um montante de afirmações construídas e cimentadas ao longo das mudanças de paradigmas presentes no mundo.

## RECORTE FILMOGÁFICO DE *NOVA YORK SITIADA* SOB O XADREZ TEÓRICO DE EDWARD SAID E DOMENICO LOSURDO

No que se representa de embasamento integrativo conceitual, espiritual e ideológico que Hollywood constrói, algumas cenas do filme além de cruzarem com o Destino Manifesto de 1839 e a Doutrina Truman da Guerra Fria, fomentam interpretações empíricas sobre atuações dos Estados Unidos e do Ocidente. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, de Said, e a *Linguagem do Império: Léxico da Ideologia Estadunidense*, de Losurdo, ilustram tais encontros. Neste recorte, a metodologia aplicada será de uma exposição teórica de Said e Losurdo seguida por exemplos enquadrados no filme.

A criação do Oriente sob a imagem perversa, subumana, exótica e que necessita ser dominada é o que reflete nas construções identitárias criadas pelos norte-americanos, seja por meio políticos ou pela prática de instauração do seu modo de vida no sistema, e que no final sempre tendem na desculpa da preservação da segurança internacional. Em outras palavras, os Estados Unidos devem lutar pelo ambiente harmonioso onde a paz é passível de ser destruída a qualquer momento pelos irracionais do outro lado do mundo. Tendo como base esta justificativa, o Oriente nada mais é que uma construção do Ocidente para expandir as suas práticas controladoras e imperialistas. As inúmeras intervenções dos Estados Unidos nos países daquela região são testemunhos reais desta teoria (SAID, 2007).

O ser oriental e a construção árdua estadunidense de alimentar no Ocidente a imagem irreal deste são constantes na conceituação do que é o orientalismo. Ao passo que a associação deste mundo está intimamente ligada aos árabes, sobretudo, aos muçulmanos, os “outros orientes” não são diretamente atacados. Cabe a estas ações ocidentais liderados pelos norte-americanos como um direcionamento político, estratégico e de cunho realista (SAID, 2007). Para ilustrar esta retórica, é lançado o primeiro recorte do filme *Nova York Sitiada*, que fica por conta do discurso do agente Hubbard.

### *Cena um:*

A primeira cena elencada se direciona ao discurso do agente para alguns representantes da estrutura societária estadunidense. Neste momento do filme, três ataques terroristas já haviam sido efetuados na cidade e o Oriente, figurado pelos muçulmanos de Nova York, já eram os causadores do terror. A partir de então em seu pronunciamento representado na Figura 1, o agente da FBI relembra algumas cidades que já presenciaram ataques terroristas como Belfast na Irlanda do Norte e Tel Aviv em Israel, no entanto ele deixa bem claro e de maneira precisa, que Nova York será a cidade que vai lutar de maneira eficaz contra o terrorismo. Para tanto, esta “luta” tão demarcada no filme que os Estados Unidos e Hollywood se propõem a evidenciar se centraliza muito na forma como este país age politicamente dentro da história criando premissas destruidoras em relação ao oriental (SAID, 2007).

Figura 1: Discurso do Agente Hubbard



Fonte: Nova York Sitiada

No que diz respeito ao duelo Ocidente x Oriente e como esta peça criada pelos ocidentais é e foi “encenada” na história é interessante observar como as potências imperiais os retratavam. Todavia, os primeiros contatos efetivos com práticas imperialistas na parte oriental do globo foram na época em que a Europa colocava no mundo a sua rede colonial interligada, onde principalmente o Reino Unido se qualificava como uma das potências mais presente no globo além do seu espaço territorial. Em uma passagem do “*Orientalismo*” de Said sobre o colonialismo no Egito, o autor analisa o pensamento das potências ocidentais acerca desta região do mundo, algo que na lógica e na mudança de cenário do poder foi aprimorado pelos Estados Unidos juntamente com as suas ferramentas para o seu benefício:

O objeto de tal conhecimento é inerente passível de escrutínio; se cresce, muda ou de qualquer outro modo se transforma, como acontece frequentemente nas civilizações, esse objeto é ainda assim um “fato” fundamental, ontologicamente estável. Ter esse conhecimento de tal objeto é dominá-lo, ter autoridade sobre ele. E a autoridade nesse ponto significa que “nós” devemos negar autonomia a “ele”-o país oriental- porque o conhecemos e ele existe, num certo sentido, assim como o conhecemos (SAID, 2007, p.63).

Não obstante, a inserção do Ocidente no Oriente contribuiu para o grande número de desequilíbrios políticos que se tem hoje na região. A análise de “*Orientalismo*” de Said aborda o mundo daqueles que pertencem a este espaço geográfico, no entanto, a população árabe na parte oriental do globo merece um destaque singular. A intervenção europeia e estadunidense eclodiu na discrepância destes mundos e na criação global entre “nós e eles” (SAID, 2007; TODD, 2003).

Consoante a divisão entre os civilizados e não civilizados é criada uma estrutura de superioridade do Ocidente perante o mundo oriental, seja por estarem em um nível intelectual elevado ou por simplesmente estarem situado no lado considerado

sadio do mundo. Ainda nesta análise, em específico sobre o a construção do mundo árabe oriental, Said aponta algumas obras produzidas na Europa, como a *Divina Comédia* de Dante Alighieri onde Maomé, líder do Islamismo, é ridicularizado entrelinhas. Passagem que comprova que os muçulmanos são minados em diversas esferas (SAID, 2007).

Ao passo que a obra “*Orientalismo*” exalta a criação do Oriente a partir de uma lógica do Ocidente. Domenico Losurdo e a Linguagem do Império interagem com as principais concepções teóricas do autor árabe, trazendo ainda contextualizações atuais relacionadas diretamente como os Estados Unidos “conversam” com o mundo, ao ponto que independentemente da esfera em que estiver e na ideologia em que acreditar, a política estadunidense é muito mais do que estar com um grupo de amigos que compactuam da mesma crença, é estar em um seletto campo de aliados onde as forças estão miradas para o Oriente (LOSURDO, 2010). Assim como remetente clássico dos norte-americanos, o mundo árabe é continuamente atacado na obra que baseia esta análise. No segundo recorte construído para este embasamento de Losurdo é apontado uma cena com dois fragmentos que concordam com a percepção do autor italiano sobre a mensagem que os Estados Unidos querem passar para o planeta.

#### *Cena dois:*



Figura 2: Reunião para as próximas tomada de decisões quanto aos atentados. Fonte: *Nova York Sitiada* (1998)

Devido os contínuos ataques terroristas na cidade, o exército representado por Bruce Willis é chamado para uma possível intervenção. Entretanto, um ponto interessante desta cena é que no seu início alguns líderes começam a debater quem estaria por trás destes ataques e de prontidão alguns país do Oriente Médio como Síria, Irã e Iraque são apontados. Logo após esta parte introdutória da cena, que de fato não se refere em dizer nada sobre o caos em Nova York e sim apenas deflagrar a região destes países muçulmanos como culpados, o líder do exército deixa bem claro que uma intervenção militar geraria um conflito interno na sociedade, contrariando o posicionamento do representante da presidência da república.

Ainda na cena dois do recorte do filme, a agente da CIA que até então era a personagem Elise Kraft, é apresentada nesta reunião como Sharon Bridger, surpreendendo o agente Hubbard. No entanto, o ponto interessante desta cena é que as outras temáticas políticas dos Estados Unidos, em outros momentos de sua história e que até mesmo não fazem parte do enredo central são mencionadas de maneira sistemática, caso da personagem Sharon Bridger que esteve trabalhando no Iraque durante a Guerra do Golfo. Segundo apontamento desta cena são as cartas que foram distribuídas sobre o terrorismo, cabe ressaltar que “*Middle East Terrorism*” fica em evidência no decorrer da cena, onde nesta passagem a ideia era explicar como funcionam as estruturas terroristas. O conteúdo da carta era basicamente mostrar que as células terroristas se proliferam e que nunca é possível determinar quando a última foi atacada, ao passo que quando uma é destruída, outras surgem.

Este discurso dos Estados Unidos de apontar o culpado é fortemente passível de análise após os atentados do 11 de setembro. No entanto, na história e na escola realista, os interesses dos Estados sempre se sobressaem a quaisquer outras esferas e neste cenário entre os Estados

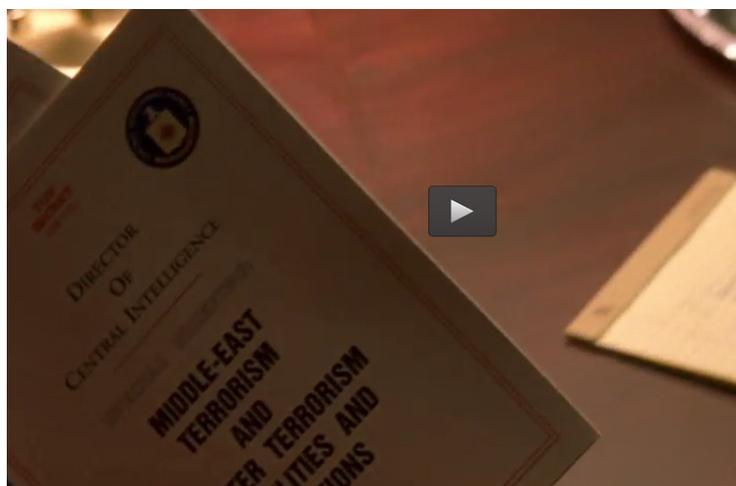


Figura 3: Carta sobre o terrorismo no Oriente Médio.

Fonte: *Nova York Sitiada* (1998)

Unidos confrontando com o mundo árabe a politicagem feita por este primeiro não seria diferente (MORGENTHAU, 2005). O país mais paradigmático da América do Norte é o principal disseminador de rótulos e medos no mundo, onde a verdade por esta criada e apontada por Losurdo como “quem não estiver com a América é automaticamente inimigo da paz e da civilização” é erroneamente aceita por grande parte da sociedade global (LOSURDO, 2010).

Para tais intervenções no Oriente, o travamento dos “ismos” com autênticos fenótipos de práticas de terror devem ser combatidos pelos Estados Unidos, isto é, a missão da América no jogo. O terrorismo e quem são terroristas, bem como o fundamentalismo religioso contemplam várias fases do “campo minado estadunidense”, que muitas vezes poderia estar inserido como um Estado que utilizou das práticas de terror para o seu benefício, no entanto o cenário que foi construído e atribuição do mundo árabe como líder deste movimento são estratégias para “empurrar” para o Oriente as práticas perversas e desumanas, onde no século XXI estas associações passaram a ter um maior vigor (LOSURDO, 2010). Estes levantamentos são descritos de forma representativa e escancarada na última análise do filme *Nova York Sitiada*.

Cena três:



Figura 4: Apreensão de árabes na cidade de Nova York  
Fonte: *Nova York Sitiada* (1998)

Nesta parte a Lei Marcial começa a ser aplicada na cidade de Nova York, pois outro atentado aconteceu na cidade. Assim sendo, táticas de guerra foram colocadas em prática o que dividiu a população. De maneira explícita, o general do exército deixa claro que homens árabes de 15 a 30 anos são alvos e aos poucos literalmente começam a serem caçados e colocados juntos em um estádio de futebol fechado, para que assim se possa analisar com detalhes quem está ou não por trás dos atentados. Ainda neste processo de busca aos culpados, o filho de um dos agentes do FBI, que é de origem árabe, é apreendido, fato que traz uma dramaticidade ainda maior para o enredo.

Portanto, Said e Losurdo entrelaçam conceitualmente as suas análises através das suas principais obras. Assim sendo, após este cenário teórico ligado com as produções cinematográficas, é possível visualizar que Hollywood se faz mais uma vez presente no auxílio da sua mentora. No recorte filmográfico de *Nova York Sitiada*, as cenas apresentadas enxergaram através de *Orientalismo* e da *Linguagem do Império* as suas reais funções no filme. Questões como de ser muçulmano e de pertencer ao outro lado do globo já deram a obra um teor totalmente direcionado, em que o “nós e eles” é mais uma vez fortemente construído através de percepções ocidentais.

## EXPECTATIVAS FUTURAS DOS ESTADOS UNIDOS E DE HOLLYWOOD

Os Estados Unidos a partir da virada do segundo milênio passaram a serem instigados perante a esfera global. O país que tanto buscou formas e meios “exemplares” de se estabelecer no meio do fluxo do poder, ou melhor, na liderança deste ciclo como representante do Ocidente, aos poucos estão sendo questionados pela opinião pública mundial em relação ao seu papel neste cenário. O país que antes era caracterizado por ser o protetor dos ideais democráticos e pacificadores criou um mundo desequilibrado e doente a partir das suas construções sob uma via de mão única (TODD, 2003).

A criação do “eixo do mal”, o fundamentalismo terrorista associado ao mundo islâmico e as intervenções estadunidense nos principais conflitos provocados por esta fizeram com que o sentimento antiamericano estivesse mais forte do que nunca. A incerteza passada hoje pelos Estados Unidos não está somente em torno dos países do Oriente, há uma crescente dubiedade do que este país representa para o Ocidente. Tomando como exemplo, após o 11 de setembro, pode-se notar que a clássica aliança entre norte-americanos e europeus passou por um momento de afastamento, podendo-se dizer que a Europa se encontra em um momento de autonomia quanto ao seu posicionamento sobre certos conflitos, como o de Israel e Palestina, tendo o estado judaico extremamente alinhado aos Estados Unidos e vice-versa, e uma Europa dividida acerca do conflito. Estes fatos apresentados mostram que o mundo está cansado da forma como esta nação vem se posicionando. Portanto, no contexto atual o governo estadunidense não pode fechar os olhos para as novas forças dos países emergentes, onde é marcado pela China e um crescimento interessante da Rússia, algoz norte-americano na Guerra Fria (TODD, 2003). Portanto, o que se vê no cenário político é uma alternância de paradigmas que provocam incertezas quanto ao futuro dos Estados Unidos, onde aos poucos divide o título de superpotência com China, que ironicamente é um país do Oriente.

Ao passo que no cenário político a superpotência esteja “pisando em ovos” com estas mudanças, o seu poder de convencimento e de credibilidade também vem sendo afetado o que implica diretamente na aceitação do que é vendido por Hollywood. Sobre a vilanização do mundo árabe, *Reel Bad Arabs*, como mencionado anteriormente, é uma importante crítica feita ao cinema norte-americano e como este se posiciona. O acesso à informação também vem fazendo com que as pessoas assistam as produções estadunidenses com um olhar analítico. No entanto, para confrontar com os Estados Unidos, a indústria cinematográfica da Índia, Bollywood, protagoniza como a maior produtora de filmes no mundo, frisando mais uma vez a presença do Oriente em áreas de dominância americana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Estados Unidos da América se faz muito presente nas principais questões globais. O conjunto de ferramentas do *soft power* que estão por trás desta superpotência é o fator delimitante do seu posicionamento no contexto internacional, onde Hollywood atua com o propósito de desvendar e criar verdades nas diversas fases da linha cronológica mundial. Neste contexto, o cinema do país cria a história a partir do olhar unilateral sobre constatações feitas por esta.

Os enredos das produções hollywoodianas traduzem o marcado pragmatismo desta indústria, que sempre quando lhe é conveniente coloca o inimigo dos Estados Unidos em evidência. Durante a Guerra Fria era perceptível como a União Soviética era batida e desconstruída através de inverdades criadas por Hollywood. No entanto, com a esfacelamento desta no Sistema Internacional, o mundo árabe tornou-se então o alvo do Império (KELLNER, 2001). Neste contexto, as produções americanas ainda se valem de teorias excepcionalistas para explicar tais criações políticas da sua mentora, onde a figura do Destino Manifesto na concepção de que a América

carrega a missão pacificadora em uma visão extremamente expansionista ainda se faz presente, bem como a Doutrina Truman trabalhada sob outra perspectiva, tendo em vista que esta visava conter o comunismo, isto é, embora estas políticas visassem atingir os objetivos da época em que foram difundidos, é possível estender estas concepções para o mundo islâmico.

Para tanto, *Nova York Sitiada* foi a produção do cinema norte-americano escolhida para apresentar de maneira sutil como os Estados Unidos fazem o uso da sua mais importante estrutura do poder brando para cobrir as suas novas extensões de interesse. O filme traz de maneira global os principais conjuntos doutrinários e posicionais dos Estados Unidos acerca do mundo árabe. Assim sendo, o empirismo da presente análise ficou por conta do recorte filmográfico feito através das análises de *Orientalismo* de Edward Said e *Linguagem do Império* de Domenico Losurdo. Por conseguinte, as obras se mesclam e concordam em muitos pontos abordados nas cenas apresentadas quanto à criação negativamente demasiada que o Ocidente faz do mundo oriental, sobretudo árabe e islâmico.

Partindo desta análise, observou-se que o Império aos poucos está se deparando com as consequências de seus atos no momento presente e poderá continuar se confrontando no futuro. A superpotência que muito fomentou a criação de um ambiente desarmonioso no Oriente – por inúmeras intervenções justificadas através de conceituações cimentadas por ela como o terrorismo e o fundamentalismo religioso, hoje passa por um revés (TODD, 2003; LOSURDO, 2010). Os Estados Unidos estão muito distantes de exercer a sua influência de poder que exerciam outrora, não obstante, é irrefutável tirar esta superpotência do cenário, visto que ela ainda representa uma das forças no cenário internacional. Esta mesma compreensão lógica pode ser feita em relação ao futuro de Hollywood, já que muitas verdades criadas são colocadas à prova devido à forma ágil como as informações correm no mundo. Para concluir

em outras palavras, tanto Estados Unidos quanto a sua indústria cinematográfica visualizam um futuro rodeado por incertezas e desafios vindo do “lado não sadio do mundo”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIVINE, Robert A. América: Passado e Presente. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992.

FONSECA, Carlos. “Deus Está do Nosso Lado”: Excepcionalismo e Religião nos EUA. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 2007.

KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

LOSURDO, Domenico. A Linguagem do Império: Léxico da Ideologia Estadunidense. São Paulo: Boitempo, 2010.

MORGENTHAU, Hans et al. Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace. New York: Paperback, 2005.

NOVA YORK SITIADA. Direção de Edward Zwick. Produção de Edward Zwick. Roteiro: Lawrence Wright. Nova York, 1998. Color. Legendado.

NYE, Joseph. The Future Of Power. New York: Paperback, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Brasil: ONU, 2014. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-terrorismo/>>. Acesso em 05 de nov de 2014.

REEL BAD ARABS: How Hollywood Vilifies People. Canadá: 2007. Disponível em: <<http://www.reelbadarabs.com/>>. Acesso em 30 de out 2014

SAID, Edward. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHILING, Voltaire. Estados Unidos x América Latina: As Etapas da Dominação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

SUTTI, Paulo; SILVIA, Ricardo. As Diversas Facetas do Terrorismo. São Paulo: Harbra, 2003.

TODD, Emmanuel. Depois do Império: A Decomposição do Sistema Americano. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2003.

VILLA, Rafael Duarte. Da crise do realismo à segurança global multidimensional. São Paulo: Hucitec, 1999.